

## **A ESCRITA PARTICIPATIVA/COLABORATIVA NA MÚSICA “LIVRE NA BALADA”**

Maraiza de Moraes Valentim Araújo;

Cristiani Pereira de Moraes Gonzalez

*Universidade Federal de Campina Grande/ maraizamoraes2006@hotmail.com*

*Universidade Federal de Campina Grande/ cristianipmorais@gmail.com*

**Resumo:** Vive-se em um período o qual, independente das várias denominações que recebe, seja “Modernidade Recente” ou “Era das Linguagens Líquidas” etc., é, indubitavelmente, marcado por mudanças avassaladoras que abarcam os mais variados âmbitos da vida social e alteram o modo de pensar, de ler, de escrever e mesmo de ser. Tem-se um novo *ethos*. Nesse contexto, então, no âmbito da linguagem, salientam-se novos textos (hipertextos) e novas linguagens (multimodalidade), e se constata um novo modo de autor e leitor se relacionarem entre si e com o “bem produzido”, isto é, com base na participação e na colaboração principalmente. Têm-se “lautores”. No campo da cultura, por sua vez, destaca-se a multiplicidade de culturas, a qual passa a ser reconhecida e a incluir culturas anteriormente “marginalizadas”. Desse modo, cabe analisar práticas de produção participativa/colaborativa, na cibercultura, realizadas por pessoas comuns. Considerando a ampla divulgação e a participação de inúmeros lautores em uma produção artística, analise-se, neste artigo, mais especificamente, a música “Livre na Balada”, de Wesley Safadão. Para este artigo, foram traçados os seguintes objetivos: apresentar as marcas da sociedade contemporânea e da cultura participativa/de convergência; analisar a música “Livre na Balada” revelando as principais linguagens envolvidas na sua produção; e refletir sobre o papel da escola frente a essas novas formas de produção. O papel da escola merece ser frisado, tendo em vista que a escola da era digital não pode negligenciar essa prática participativa e colaborativa que se instaurou com a implantação da Web 2.0 e que leva à necessidade de se repensar a prática pedagógica e, sobretudo, o currículo escolar, dando espaço para a discussão e a inserção dessas novas práticas. Metodologicamente, fora feita uma pesquisa de natureza qualitativa e do tipo documental. Após a análise dos dados, constatou-se que uma diversidade de modos de linguagens foi acionada pelos sujeitos, a exemplo de imagens, linguagem verbal, vídeos, o que revela um novo tipo de consumidor/leitor, e um novo sistema de mídia.

Palavras-chave: Convergência, Escrita participativa/colaborativa, Música popular.

## 1. INTRODUÇÃO

Vivemos em um mundo o qual, independente das várias denominações que recebe, seja Modernidade Recente (MOITA LOPES, 2013) ou Era das Linguagens Líquidas (SANTAELLA, 2007), dentre outros, estando fundado na Web 2.0, indubitavelmente, mudou e ninguém há de discordar, como frisam Rojo e Barbosa (2015). A contemporaneidade, com efeito, é marcada por mudanças variadas e avassaladoras, dentre as quais destacamos as atinentes à linguagem e à cultura.

Os textos e a linguagem mudaram. Dos textos exclusivamente escritos, passamos a hipertextos, isto é, nós e conexões que interligam vários textos. Da linguagem fundamentalmente verbal, passamos à multimodal, ou seja, constituída por várias modalidades da linguagem, como a escrita, o som, a fala, a imagem em movimento etc. A partir da junção do hipertexto com a multimídia, nasce a hipermídia (SANTAELLA, 2007).

Ante novos textos e uma linguagem “multi”, bem como sob a égide de uma nova mentalidade ou novo *ethos* (LANKSHEAR; KNOBEL, 2007), baseada não mais na propriedade de bens culturais, mas na sua difusão e ressignificação, criam-se “[...] novas situações de produção de leitura-autoria [...]” (ROJO, 2013, p. 20), em que autores são, ao mesmo tempo, leitores, e vice-versa – “lautores”. Desfaz-se, assim, a separação entre autor e leitor.

No que concerne à cultura, ela não deve ser escrita com letra maiúscula nem pautada em pares antitéticos (ROJO, 2013). Mister se faz reconhecer que vivemos em um período de hipercomplexidade midiática (SANTAELLA, 2007), em que todos os ciclos culturais se misturam e que há uma maior abertura para a cultura do outro, inclusive e principalmente dos que estão à margem, seja por razão de gênero, de classe social etc.

Vivemos na cibercultura (SANTAELLA, 2007), ou seja, em meio a mídias digitais que alteram o modo de as pessoas se relacionarem e mesmo de serem, e na cultura da convergência<sup>1</sup> e participativa (JENKINS, 2009).

Na cultura participativa, salientamos, “[...] fãs e outros consumidores são convidados a participar ativamente da criação e da circulação de novos conteúdos” (JENKINS, 2009, p. 378). Nesse cenário, passam a ser exigidas competências variadas para a realização de “criações conjugadas” (SANTAELLA, 2007), destacando-se, para tanto, a interação entre os sujeitos envolvidos e a criatividade de cada um.

---

<sup>1</sup> Para Jenkins (2009, p. 29), a convergência diz respeito ao “[...] fluxo de conteúdos através de múltiplas plataformas de mídia, à cooperação entre múltiplos mercados midiáticos e ao comportamento migratório dos públicos dos meios de comunicação, que vão a quase qualquer parte em busca das experiências de entretenimento que desejam”.

Conforme notícia publicada em 04 de fevereiro de 2016, no site BN Holofote, o cantor Wesley Safadão destacou, em sua fala, a participação/colaboração de seus fãs: “É muito bom poder criar algo com a ajuda do público. As pessoas se interessaram de verdade e com muita criatividade. O trabalho ficou mais prazeroso com a interação dos fãs [...]”.

Diante disso, “[...] fica evidente a necessidade de trabalhos cooperativos e colaborativos para a manutenção do sistema e a vivência do indivíduo nesse universo” (AZZARI; CUSTÓDIO, 2013).

Assim, observando a relevância da participação/colaboração, na sociedade atual, para a construção dialógica de bens culturais, e ainda para a formação de criadores de sentidos, analistas críticos e transformadores, segundo Rojo (2012), direcionamo-nos à análise de produções participativas/colaborativas realizadas por pessoas comuns, não famosas, mais especificamente, devido à ampla divulgação e participação de inúmeros autores/fãs, da música “Livre na Balada”, de Wesley Safadão, a qual foi produzida na rede social do *Twitter*.

Como objetivos, traçamos os seguintes: apresentar as marcas da sociedade contemporânea e da cultura participativa/de convergência; analisar a música “Livre na Balada” revelando as principais linguagens envolvidas na sua produção; e refletir sobre o papel da escola frente a essas novas formas de produção.

O papel da escola merece ser frisado, tendo em vista que ela, na era digital, não pode negligenciar a prática participativa e colaborativa que se instaurou com a implantação da Web 2.0 e que leva à necessidade de se repensar a prática pedagógica e, sobretudo, o currículo escolar, abrindo espaço para sua discussão e sua inserção nesse contexto.

## 2. METODOLOGIA

O estudo aqui reportado é de natureza qualitativa, visto que, conforme assinala Flick (2009), é substancial para o estudo de objetos complexos, produzidos em ambientes complexos, tal como o objeto delineado neste artigo. Com efeito, busca-se enfatizar e refletir sobre a escrita participativa/colaborativa, na construção de uma música popular, no ambiente do ciberespaço<sup>2</sup>.

Segundo Ghedin e Franco (2008, p. 31), a pesquisa qualitativa assume “[...] uma concepção dialética da realidade, em que homem e objeto são constituídos por uma relação dialógica, na medida em que o homem modifica suas esferas/práticas sociais, essas modificam o homem”, daí a

---

<sup>2</sup> Compreende-se o ciberespaço, conforme Pierre Lévy (1999, p. 92), “[...] como um espaço de comunicação aberto pela interconexão mundial dos computadores e das memórias dos computadores”. Em tempos de convergência, pode-se dizer que é nesse espaço que boa parte das novas práticas sociais, desenvolvidas pelos imigrantes e pelos nativos digitais, acontece e se estabelece de forma instantânea e interativa.

imprescindibilidade deste estudo, de conhecermos e compreendermos as práticas da cibercultura, notadamente a escrita participativa/colaborativa, posto que esta constitui não só uma prática decorrente da mudança do perfil do escritor (agora *lautor*), na era digital, como promove mudanças sociais, a partir do momento em que insere, no mercado, bens culturais resultantes do diálogo, e viabiliza alternativas para uma educação mais inclusiva e autônoma.

Logo, a ação impetrada, nessa pesquisa, isto é, a de analisar/interpretar o processo de escritura da música “Livre na Balada” com vistas a, dentre outros fins, refletir acerca do papel da escola frente à nova ordem impelida pela cultura da convergência e participativa, possibilita pensarmos acerca de possibilidades para uma aprendizagem participativa/colaborativa em sala de aula, visando não apenas ao entretenimento, mas ao desenvolvimento da capacidade cognitiva e dialógica do aluno.

Este trabalho fora fundamentado no tipo de pesquisa documental, tendo em vista que coletamos documentos publicizados, pois estavam armazenados e disponíveis no ciberespaço, que não receberam nenhum tratamento científico (OLIVEIRA, 2014), procedendo à análise dos mesmos.

Para alcançarmos os objetivos da pesquisa, selecionamos o seguinte *corpus*: o vídeo de divulgação da campanha “#LivreComSafadão”; as colaborações dos fãs que tiveram suas contribuições selecionadas para compor a música “Livre na Balada” e o clipe oficial da mesma. Cabe ressaltarmos que só coletamos as escritas dos 10 (dez) fãs<sup>3</sup> que tiveram suas contribuições aceitas para compor a música mencionada, haja vista que a campanha teve mais de 40 (quarenta) milhões de colaborações feitas com o *hashtag LivreComSafadão*, na rede social *Twitter*. Para facilitar o processo de análise, fizemos o *print script* dos dados selecionados.

Assim, com intuito de apresentarmos as marcas da sociedade contemporânea e da cultura participativa/de convergência, bem como de analisar a música “Livre na Balada” revelando as principais linguagens envolvidas na sua produção, seguimos esta trilha: inicialmente, analisamos o vídeo de divulgação da campanha, promovido pela empresa “Oi”, trazendo ponderações acerca do cantor Wesley Safadão. Em seguida, realizamos a análise das colaborações/participações dos sujeitos que tiveram suas colocações aceitas para a construção do “produto final”, observando este, ainda, como um todo. .

Após isso, pudemos refletir sobre a função da escola diante das novas práticas sociais que se disseminam na rede, principalmente da prática de escrita participativa/colaborativa, com vistas a

---

<sup>3</sup> O videoclipe oficial da música “Livre na Balada” contém os nomes dos 10 (dez) colaboradores.

desenvolver “[...] uma formação de alunos empreendedores (criativos, com iniciativa)” (MORAN, MASETTO, BEHRENS, 2013, p.13), pois a cultura da convergência/participativa nos impele a cogitar uma prática pedagógica mais flexível, mais integrada com as novas práticas sociais e culturais, mais empreendedora e inovadora.

### **3. RESULTADOS E DISCUSSÃO**

#### **3.1 A sociedade contemporânea e a cultura participativa no objeto de estudo**

O vídeo de divulgação da campanha promovida pela “Oi” e pelo cantor Wesley Safadão traz este dizendo que está compondo uma música “bem legal” (fala do cantor). Em seguida, ele começa a cantar o trecho “Eu to livrinho na balada e ninguém me segura/ Eu disse é zap, zap, zap / As mina pira, pira, pira, loucura, loucura”. Logo após, ele diz que precisa da ajuda dos fãs ou seguidores para terminar a música, mencionando que, para participar, é só ir ao *Twitter*, colocar a *hashtag* “LivreComSafadão” e enviar frases. Por fim, Wesley Safadão ressalta que não adianta dizer que não tem internet, pois é só usar a “Oi livre”. É apenas nesse momento que percebemos que o vídeo faz parte de uma campanha de divulgação de um plano da empresa telefônica voltada para pacote de internet móvel e minutos em ligações, os quais podem ser convertidos em internet. O vídeo é finalizado com o intérprete prometendo que, no decorrer dos dias, mostraria, através de vídeos, como a música estaria ficando.

Essa publicidade está de acordo com o posicionamento de Jenkins (2009, p. 29), o qual, ao tratar da cultura da convergência, frisa que vivemos na era da intercessão, “[...] onde as velhas e as novas mídias colidem, onde mídia corporativa e mídia alternativa se cruzam, onde o poder do produtor de mídia e o poder do consumidor interagem de maneiras imprevisíveis”. Isto é, vivemos numa era de múltiplas práticas culturais e de diversas linguagens. Compor uma música é uma prática antiga, o novo está em dividir a responsabilidade/autoria pela/da produção, dando-se ênfase ao diálogo e se convidando fãs/seguidores para compor conjuntamente, participar/colaborar.

Sabemos que, em tempos de cibercultura, “[...] todo consumidor é cortejado por múltiplos suportes de mídia” (JENKINS, 2009, p.9), já que vivemos na era do acesso fácil e instantâneo da informação, em que o processo tecnológico une múltiplas funções, o que faz surgir um novo tipo de público consumidor, aquele que não se satisfaz em apenas receber/consumir, mas sente a necessidade de opinar efetivamente, de forma proativa. Esse consumidor (lautor de textos) pode

escolher o caminho a seguir na rede, decidindo o que lê e/ou escreve e mesmo o que deseja escutar/ouvir.

Jenkins (2009) aponta as diferenças entre os antigos consumidores e os novos consumidores, evidenciando que os antigos eram previsíveis, estáticos e desconhecidos, já os novos consumidores são imprevisíveis, migratórios e socialmente conectados pela via da rede – “[...] os novos consumidores são agora barulhentos e públicos” (JENKINS, 2009, p.47). Esse posicionamento do autor confirma que “[...] a convergência representa uma transformação cultural, à medida que consumidores são incentivados a procurar novas informações e fazer conexões em meio a conteúdos midiáticos dispersos” (JENKINS, 2009, p. 29-30).

Um importante traço da cultura participativa manifesta-se quando o cantor Wesley Safadão diz que irá “no decorrer dos dias mostrar em vídeos como a música está ficando”, levando-nos a inferir que ele irá interagir diretamente com o público, mostrando o andamento da produção e permitindo aos seus fãs opinar durante todo o processo de escritura, havendo negociação. Como leciona Pierre Lévy (1999), ao tratar da ciberarte<sup>4</sup>, nas novas modalidades de produção, aos sujeitos é dada a autonomia de aprovar, reprovar, interpretar e seguir os trabalhos dos artistas ou celebridades conhecidas. Lévy (1999, p. 136), ainda, faz uma ressalva “[...] não se trata de uma participação na construção do sentido, mas sim uma co-produção da obra, já que o ‘espectador’ é chamado a intervir diretamente na atualização”.

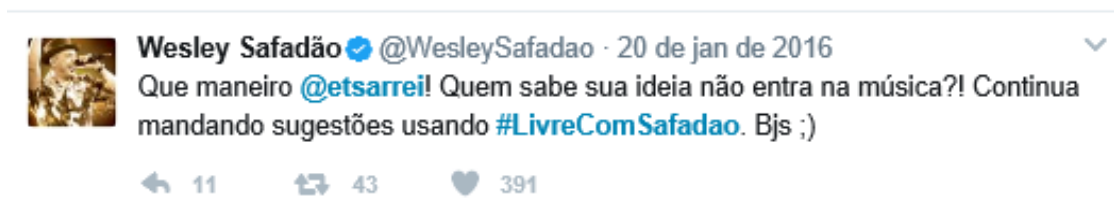
Quando analisamos a fala de Wesley Safadão ao enunciar que irá passar uma espécie de *feedback* no decorrer da campanha, pensamos que a produção escrita seria desenvolvida mediante uma atividade colaborativa, em que todos os sujeitos participariam de todas as fases da produção, podendo opinar, negociar e interagir durante o processo, a partir de uma “relação não-hierarquizada” (NOBERTO, 2016).

Entretanto, não foi bem assim que ocorreu; constatamos que o processo de escritura da música “Livre na Balada” deu-se através, fundamentalmente, da participação/cooperação, pois Wesley Safadão centralizou em si a responsabilidade de aprovar ou não as contribuições dos seus seguidores e de finalizar a música, contendo-as, havendo, assim, controle e, de certo modo, hierarquização, e não negociação. Não foi permitido aos fãs opinar ou refutar acerca/a produção final. Ademais, o trabalho foi desenvolvido individualmente por cada fã, que apenas publicou sua sugestão na sua *timeline*. Observamos que há interação, marca tanto da escrita participativa quanto

---

<sup>4</sup> Ciberarte é a norma forma de fazer arte que emerge com as novas tecnologias digitais, estimulando a coletividade e a interatividade.

da colaborativa, no entanto, nessa interação não há a negociação, característica da escrita colaborativa, por isso, estamos diante de um processo participativo. Vejamos o exemplo abaixo:



Inobstante essa observação, entendemos que o mais importante não é se o trabalho de produção dessa música foi cooperativo (utilizamos como sinônimo de participativo) ou colaborativo, mas que, situado na contemporaneidade, ou seja, dentro da cultura da convergência/participativa, tenha mobilizado um processo criativo, pois, essa atividade de produção, seja mediante a cooperação ou a colaboração liga “[...] artistas, cientistas e técnicos em um processo comum” (SANTAELLA, 2007, p. 78). Só o fato de o cantor, de renome nacional e internacional, responder às contribuições dos seus seguidores, entendemos, gera nestes, aliados à paixão que promove intensas participações, como frisa Custódio (2013), um certo poderio, visibilidade e empoderamento, o que pode ser observado na fala do fã que se refere ao cantor como “papai”, expressando carinho e, sobretudo, reconhecendo a autoridade deste.

Como podemos notar, essa campanha publicitária é um exemplo da nova mídia, em que o consumo é um processo coletivo, um processo que abre espaço para a mobilização da inteligência coletiva, isto é, “[...] uma fonte alternativa de poder midiático” (JENKINS, 2009, p.30), um conhecimento distribuído e acessível para todos os indivíduos, em tempo real, que visa legitimar as habilidades específicas de cada sujeito, em prol da coletividade ubíqua.

### **3.2 As linguagens envolvidas no processo de produção da música “Livre na Balada”**

Antes de mais nada, convém salientarmos que “[...] a multiplicidade de linguagens, semioses ou mídias envolvidas na criação de significação para os textos multimodais contemporâneos [...]” (ROJO, 2013, p. 14) constitui marca fundamental da cibercultura, da qual decorre a necessidade de novas práticas em cada vez mais novas ferramentas (ROJO, 2012). Nesse cenário, os produtores não se limitam a usar a escrita manual e impressa, mas se valem de áudio, vídeo, dentre outros, para

a construção de seus textos<sup>5</sup>, sendo válido frisar, como o faz Rojo (2012, p. 19), que “[...] as imagens e o arranjo de diagramação impregnam ou fazem significar os textos contemporâneos quase tanto ou mais que os escritos ou a letra”.

Sabido isso e considerando que objetivamos analisar a música “Livre na Balada” revelando as principais linguagens envolvidas na sua produção, reportamo-nos, primeiramente, ao vídeo de divulgação da campanha promovida pela “Oi”, o qual já integra, inquestionavelmente, o processo de produção da mencionada canção, haja vista que o cantor apresenta o refrão da música que pretende produzir com a participação dos fãs/seguidores. Tal vídeo é constituído, fundamentalmente, por áudio, imagem e gestos.

Além do vídeo referido, fizeram parte do processo de produção da música “Livre na Balada” as contribuições dos fãs/seguidores de Wesley Safadão, as quais estão acessíveis na rede social do *Twitter* e não se limitam apenas a caracteres, mas, abarcam também a linguagem audiovisual.

Como exemplo de participação mediada pela linguagem verbal, destacamos a contribuição a seguir:



Envolvendo áudio, som e imagem, sobrelevamos esta participação:



Na produção

da música “Livre na Balada”

e do vídeo oficial da mesma, em sua versão final, salientam-se, principalmente, a linguagem escrita

<sup>5</sup> Adotamos o termo “texto” em seu sentido amplo, abrangendo não só o texto verbal escrito como audiovisual etc.



(nomes dos envolvidos em sua produção, por exemplo), a linguagem sonora (a letra da música cantada), a linguagem visual (o cantor e outros personagens, além de objetos, na construção da história da música) e a linguagem gestual (movimentação do cantor, principalmente, em sintonia com o som).

Podemos dizer que a música analisada foi constituída por múltiplas linguagens, características do contexto sociocultural atual, o qual é permeado por misturas e que exige dos sujeitos novas habilidades/capacidades de leitura e práticas de produção, que os constituam usuários/consumidores críticos, criadores de sentidos e transformadores, neste caso, a partir do momento em que, através da interação, contribuem para a constituição de bens culturais coletivos, que são distribuídos na rede mundial de computadores e consumidos por outrem. Criam-se relações mais próximas e mais gratificantes entre produtores e consumidores (JENKINS, 2009) a partir da convergência e da participação/colaboração entre fãs e ídolo.

### **3.3 A escola na Cultura da Convergência**

A web 2.0 e toda a “parafernália” tecnológica e digital vieram para reinventar antigas práticas, bem como para criar tantas outras, possibilitando aos usuários uma facilidade de uso, flexibilidade, liberdade de criação, compartilhamento e transformações de qualquer tipo de informação etc. Em meio a essas mudanças, uma nos chama atenção, qual seja o fato de essa cultura da convergência e participativa encorajar e dar autonomia aos sujeitos para produzir e publicar abertamente na rede. Segundo Palfrey e Gasser (2011), várias são as razões que levaram ao aumento da criatividade digital, tais como recompensa financeira; fama (visibilidade) ou, simplesmente, o anseio de expor suas ideias e crenças.

Ainda, para Palfrey e Gasser (2011, p. 145), estamos vivenciando uma era em que “[...] as decisões sobre o que será e não será produzido não está mais nas mãos de um pequeno número de profissionais da indústria de conteúdo”. Tomando por base isso, podemos dizer que a escola, como espaço constituído por múltiplos, não detém o controle da formação cultural dos sujeitos, a qual se constitui não só pelo que é ensinado/aprendido nessa instituição, mas também pelo que é vivenciado pelos mesmos em outros campos sociais, por suas práticas sociais. Por isso, cabe à escola problematizar e refletir sobre as novas práticas sociais e culturais emergidas na era da convergência.

Logo, a instituição escolar deve possibilitar habilidades criativas, colaborativas e reflexivas, visto que, um sistema educacional que se apoia exclusivamente na memorização ou na exposição do conteúdo não supre as necessidades – e nem é atrativa – dos sujeitos dessa cultura participativa. Pois, como bem frisa Gabriel (2013, p.33), “[...] os conteúdos educacionais precisam ser repensados em função da participação e do interesse dos alunos de forma a construir um processo de troca e não mais de mão única”.

Lankshear e Knobel (2011) *apud* Custódio (2013, p. 239) apontam que uma mola impulsionadora para a criatividade, na cultura participativa, é a *paixão* posto que

[...] não faz mais sentido simplesmente contar com a motivação de longo prazo que inclina as pessoas a aprenderem algo agora supondo que isso possa vir a ser útil mais tarde. O que é também e cada vez mais necessário é o tipo de paixão que motiva ‘no agora’ para buscar o domínio do que serve ‘no agora’ ou, no máximo, servirá ‘no momento próximo’ e manter essa paixão como a força motriz para as mudanças de navegação e manutenção de contato.

Assim, estamos diante de algo incerto, instável e movediço, tudo isso movido pela *paixão* em ser, em ter e em fazer ‘no agora’, ‘no presente’. Tudo é muito transitório e volátil. Por isso, o papel da escola é oportunizar espaços de aprendizagem que permitam os alunos se constituírem de forma autônoma e responsável socialmente. Para isso, ela “[...] precisa reaprender a ser uma organização efetivamente significativa, inovadora, empreendedora” (MORAN; MASETTO; BEHRENS, 2013, p. 12). Ela precisa reinventar sua história, abrindo espaços para que as práticas que acontecem no dia-a-dia, na cibercultura, ganhem espaço dentro da escola.

Para tanto, é necessário considerar as experiências sociais e culturais dos alunos, as vivências fora dos muros da escola, e, dessa maneira, oportunizar um ensino que proclame a Pedagogia dos Multiletramentos, transformando os alunos em “[...] analistas críticos, capazes de transformar, como vimos, os discursos e significações, seja na recepção ou **na produção**” (ROJO, 2012, p. 29, grifo nosso).

#### 4. CONCLUSÕES

Ante o exposto, tantas conclusões poderiam ser levantadas, como, por exemplo, as marcas da contemporaneidade e da cultura da convergência/participativa que foram encontradas no vídeo da campanha da “Oi” e nas postagens dos fãs, porém, entendemos, a mais importante, posto que situados na área da educação, somos pesquisadoras desta área, é a que diz respeito à

fundamentalidade de se promover, em todo e qualquer nível de ensino, uma Pedagogia dos Multiletramentos.

Com a realização deste trabalho, reafirmamos que é essencial que o docente promova essa pedagogia, que forme não apenas usuários técnicos, mas criadores de sentidos, analistas críticos e transformadores (ROJO, 2012), capazes de entender como cada tipo de texto e de tecnologia opera; que tudo que é dito e estudado é fruto de prévia seleção, e de usar o que foi aprendido de novos modos.

Como sujeitos críticos, por exemplo, no caso da música “Livre na Balada”, os fãs compreenderiam que o *marketing* e o mercado de consumo foram pontos de partida para a construção daquela, e mesmo para o convite feito aos mesmos. Vale destacarmos que a música, ao final, foi construída pelo cantor, o qual avaliou as contribuições e as usou conforme seu entendimento. Não houve, de fato, negociação.

Assim, o educador deve considerar os saberes dos educandos e suas práticas sociais, ainda mais na rede mundial de computadores, a qual se faz, na atualidade, tão presente na vida do sujeito contemporâneo. Nesse cenário, o trabalho participativo/colaborativo é muito importante, posto que leva os sujeitos a valorizar o processo de produção, mais do que o produto final, mediado pelo diálogo, formando-os, pela interação e pela negociação, em “multilinguagens” e “multiculturas”. A escola deve, então, promover “[...] as percepções de liderança na construção dos significados de modo participativo, criativo e inovador” (AZZARI; CUSTÓDIO, 2013, p. 92).

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AZZARI, Eliane Fernandes; CUSTÓDIO, Melina Aparecida. Fanfics, Google Docs... A produção textual colaborativa. In.: ROJO, Roxane (Org.). **Escol@ Conectada: os multiletramentos e as TICs**. São Paulo: Parábola Editorial, 2013, p. 73-92.

CUSTÓDIO, Melina Aparecida. **Produção escrita na escola, novas tecnologias e culturas da juventude: diálogos possíveis**. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada). Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, 2013.

DESLAURIERS, J-P; KÉRISIT, M. O delineamento da pesquisa qualitativa. In: POUPART et al (Org.). **A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos**. Petrópolis: Vozes, 2012, p. 127-153.

FLICK, Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa**. 3.ed. Porto Alegre: Artemed, 2009.

GABRIEL, Martha. **Educ@r a revolução digital na educação**. São Paulo: Saraiva, 2013.

GHEDIN, Evandro; FRANCO, Maria Amélia Santoro. A etnografia como paradigma de construção do processo de conhecimento em educação. In: \_\_\_\_\_. **Questões de método na construção da pesquisa em educação**. São Paulo: Cortez, 2008, p. 179-208.

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**: a colisão entre os velhos e novos meios de comunicação. 2. ed. São Paulo: Aleph, 2009.

LANKSHEAR, Colin; KNOBEL, Michele. Sampling “the New” in New Literacies. In.: A New Literacies Sampler. 2007. Disponível em: [everydayliteracies.net/files/NewLiteraciesSampler\\_2007.pdf](http://everydayliteracies.net/files/NewLiteraciesSampler_2007.pdf). Acesso em: 20 de março de 2017, às 14h30min.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.

**LIVRE na Balada: Wesley Safadão lança clipe de música composta em parceria com fãs**. In: BN Holofote. Disponível em: <http://www.bahianoticias.com.br/holofote/noticia/42841-livre-na-balada-wesley-safadão-lança-clipe-de-musica-composta-em-parceria-com-fas.html>. Acesso em: 10 de janeiro de 2017.

MOITA LOPES, Luiz Paulo da. Introdução (Fotografias da Linguística Aplicada brasileira na modernidade recente: contextos escolares). In.: \_\_\_\_\_. **Linguística aplicada na modernidade recente**: Festschrift para Antonieta Celani. São Paulo: Parábola Editorial, 2013, p. 15-37.

MORAN, José Manuel; MASETTO, Marcos T.; BEHRENS, Marilda Aparecida. **Novas Tecnologias e mediação pedagógica**. 21ª. São Paulo: Papirus, 2013.

NOBERTO, Sandra Carla. **A escrita colaborativa em propostas de produção textual do livro didático de Português**. Dissertação (Linguagem e Ensino). Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Humanidades, 2015.

OLIVEIRA, Maria Marly de. **Como fazer pesquisa qualitativa**. 6. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

PALFREY, John; GASSER, Urs. Criadores. In: **Nascidos na era digital**: entendendo a primeira geração de nativos digitais. Porto Alegre: Artmed, 2011, p. 130- 150.

ROJO, Roxane. Pedagogia dos Multiletramentos. In: ROJO, Roxane; MOURA, Eduardo (Org.). **Multiletramentos na escola**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012, p. 11-31.

\_\_\_\_\_. Gêneros discursivos do círculo de Bakhtin e multiletramentos. In.: \_\_\_\_\_. **Escol@ Conectada**: os multiletramentos e as TICs. São Paulo: Parábola Editorial, 2013, p. 13-36.

ROJO, Roxane; BARBOSA, Jacqueline P. Gêneros do discurso, multiletramentos e hipermodernidade. In.: \_\_\_\_\_. **Hipermodernidade, multiletramentos e gêneros discursivos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2015, p. 115-145.

SANTAELLA, Lucia. **Linguagens líquidas na era da mobilidade**. São Paulo: Paulus, 2007.